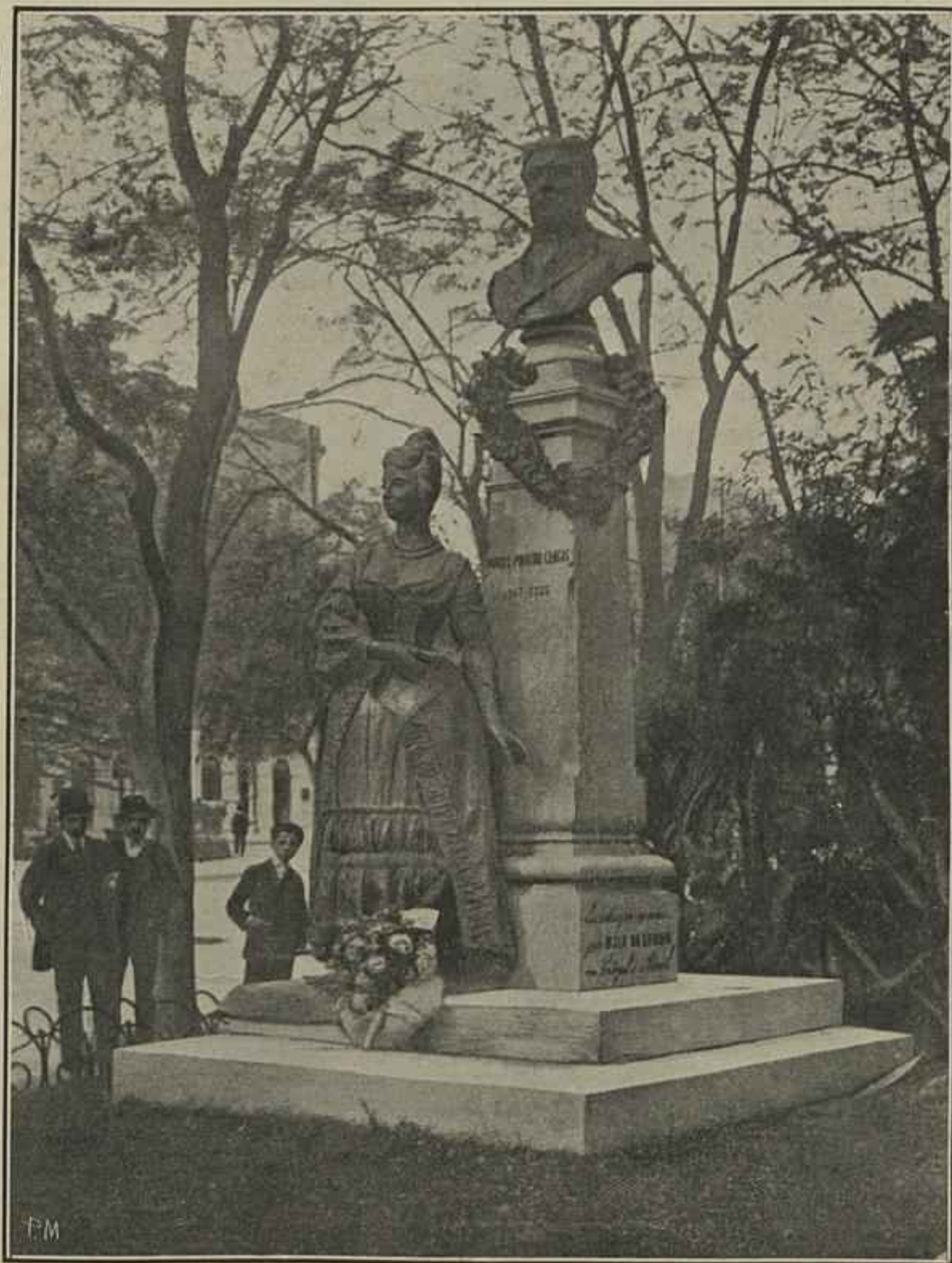


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	32.º Anno — XXXI Volume — N.º 1076	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte	3\$800	1\$900	\$950	\$120	20 de Novembro de 1908	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem) . . . . .	4\$000	2\$000	\$-	\$-		
Extrangeiro e India . . . . .	5\$000	2\$500	\$-	\$-		



MONUMENTO A MANUEL PINHEIRO CHAGAS, NA AVENIDA DA LIBERDADE, INAUGURADO NO DIA 13 DO CORRENTE  
Esculptura de Costa Motta

## CHRONICA OCCIDENTAL

Esta chronica é escripta na cidade do Porto, durante as festas ruidosas com que aqui está sendo recebido El-Rei D. Manuel. Mas não esperem que também ella lhes fale das festas: bem basta o que têm contado, hora a hora, as folhas da manhã e as folhas da noite. Em casos taes, o que a chronica tem de melhor a fazer é deixar que os outros a façam — e aproveitar o descanso a seu bel-prazer.

Desconhecer este surpreendente aspéto de cidade no campo que tem o Porto, quando do tunel de Gaia se entra, como que num deslumbramento, pela ponte do Douro, e toda a porção mais abundante do rio vem curvando a corrente pelas tenras verduras de Avintes e Valbom, e para além do Lordello vai banhando a vila — é nunca ter disfructado, com olhos embevecidos, a mais pitoresca, mais complicada, mais colorida e luminosa paisagem portuguesa.

Certas ruas do Porto lembram ruas de algumas frescas cidades francezas, como Pau, por exemplo. Aqui se nota com prazer a escassês de predios de mais de dois andares, ao mesmo tempo que um segundo prazer, e bem maior, se desenvolve á nossa vista, com proveito grande dos nossos orgãos respiratórios: o aspéto independente, solido e acedado da maior parte das casas, cada uma para cada familia, livre do contagio pernicioso das vizinhanças de escada, que nas cidades como Lisboa constitue a peor condição das suas habitações.

Um rez-do-chão, um primeiro andar, uma traieira, tres janelas de fachada, um portão bem limpo, uma pequena facha de jardim á frente, e um horizonte bem amplo para trás, tanto basta para realizar a boa e simples felicidade de uma familia portuense de negociantes abastados.

Toda a parte nova da cidade é assim formada, cuidadosamente, por pequenos predios, airosos e risonhos, frescos e claros, quasi todos cobertos de azulejos e ardosias, com verduras de arbustos e perfumes de flores á entrada e á beira do caminho, resguardados por gradeamentos ligeiros, aguçados em lança.

Na construção d'estas casas, postas sobre solidos alicerces, não entra um só tijolo; é tudo pedra, desta pedra rija e parda que tanto abunda na parte montanhosa da cidade. São casas de pedra e cal, firmes, inabalaveis, bem proprias a dar abrigo á gente forte que as habita.

Quem só tenha visto levantar a construção de um predio de Lisboa, todo em ripado e sarrafos, não faz idéa do que seja pôr em pé as quatro grandes paredes, verdadeiras paredes mestras, de uma casa do Porto. Tudo é pedra d'alto a baixo, bem cimentada e bem unida. A madeira só entra onde não pôde deixar de entrar: no tecto e no soalho. Não ha tabiques. D'um aposento para o outro aposento, não se percebe um ruido; e como não ha repercussão nos muros, e os sobrados se sobrepõem perfeitamente sem rangido nem tremuras, do andar de cima para o andar de baixo nada se ouve também.

Aqui, quando se está em casa, pôde-se bem dizer que se está em casa. Em Lisboa, julga sempre a gente que está em casa dos outros, ao mesmo tempo que os outros estão em nossa propria casa.

Na parte velha da cidade não é bem comodo o piso das calçadas, nem dos passeios de lagedo, e menos suave ainda a pés não muito afeitos ao uso dos tamancos, que o povo feminino dos burgos do redor tão sonoramente e tão galantemente bate, quando os prefere a trazer, mais á vontade e mais lésto, o branco pé descalço. Em compensação, o forasteiro, que tomou o comboio em Santa Apollonia, e encaminhou para aqui o seu itinerario, pôde ver que das ruas do Porto se não faz o vassadouro de quantas entranhas de peixe, despejos de hortaliças e calçado velho não aproveitam já á economia domestica.

Nos bairros novos e nas novas ruas, cantantes e claras, as casas que não são em azulejos, fantasiosos e reluzentes, apparecem nos de branco, muito bem caiadas, ou em côres tenras como a côr de rosa, a côr de alface, a côr de canario, e a côr de grão. As janelas são largas, os caixilhos brancos, os vidros esfregados. E como as casas não têm, quasi todas ellas, mais de dois andares, fica mais perto o céu, azul e encrespado p'lo vento fresco do norte.

A entrada por Campanhã recorda-me, á primeira vista, olhando as construções d'agora, entremeadas no alinhamento das construções antigas, acanhadas e baixas, e enegrecidas, o aspéto de Madrid no bairro das Delicias. Lindos olhos

pretos vêem nos passar, na pequenina moldura dos postigos. Alegres timbres de voz soltam cantigas, repenicam estribilhos, bonitos como o das Carvoeiras, engraçados como o das Padeirinhas. Braços redondinhos, de manguinhas arregaçadas, deitam roupa a córar, nos muros dos quintaes. Ramos de vinha balouçam-se á porta das tabernas, onde o vinho verde espuma nos cangirões e nas malgas.

O movimento acelerado e incessante do bairro mais comercial e ativo da cidade, toda esta parte inferior á Restauração, para os lados da Rua das Flores e Rua dos Ingleses, Cimo do Muro, Mira-gaia, Alfandega, é bem cheio de interesse e de bons symptomas. Aqui trabalha-se, e o trabalho vê-se, sente-se, constata-se. Toda esta faina de gente que leva pressa e traz pressa, entrando nos cambistas, subindo ás agencias dos paquetes, enchendo os armazens, povoando as lojas, carregando fardos, acarretando caixas, conduzindo carros, rolando pipas, empalhando garrafas, conferindo facturas, promovendo despachos, verificando mercadorias, discutindo preços, trocando dinheiro, agitando emfim toda esta porção de vida complicada e rotineira, esperta e agíl, a que se chama o movimento da praça, oferece-nos o testemunho consolador de um grande estimulante facto, qual o de ainda haver em Portugal portuguezes escoreitos e aptos para o trabalho proficuo, rude mas fortalecedor, violento mas vivificante, inglorio embora, mas produtivo.

Os Clerigos, na subida ingreme e aspera da calçada, têm a mais jovial fisionomia de vias de transito que conheço. É um risonho arruamento que parece sempre em festa, embandeirado de chales e lenços de ramagens ás portas dos mercadores.

D'um e outro lado, subindo e descendo ao longo dos passeios, grupos de velhas e raparigas, cobertas de oiro, saias e mais saias, meia branca de neve e tamanquinho de verniz, dão por momentos a esta larga rua a semelhança de uma feira, onde porventura se juntassem, em divertido vae vem, todos os tipos e todos os trajes, bem variegados e bem cheios de caracter, de todo o Minho e Douro.

Quando chega o verão, quem tem o bastante para se dar ao prazer de sair da cidade, apenas nella se demora o tempo preciso para os seus negocios, e logo abala para a Foz e para Matto-sinhos, para Espinho ou para a Granja.

Fechada a casa da cidade, cola-se-lhe na porta um aviso impresso que diz, em grandes letras redondas: — *Estão na Foz* ou — *Estão em Matto-sinhos*. Estes impressos andam á venda nas papelerias e nos kiosques de tabacos. É um costume que só conheço no Porto. Assim se declara, com esta sinceridade, para onde se foi, onde se pôde ser encontrado, que prazer haverá se os amigos lá fôrem. E não ha melhor contraste para essa fuga misteriosa de muitos habitantes de Lisboa, que partem para uma praia ou para uma casa de campo: dá-se a volta á chave pela madrugada, desce-se a escada pé ante pé para não acordar a vizinhança, toma-se pelo caminho mais escuso, enfiando com as paredes, e desaparece-se. . . Debalde o padeiro virá bater ao ferrolho, todas as manhãs, durante quinze dias. Tempo perdido será, para o alfaiate, subir vezes sem conto áquelle terceiro andar, para receber uma conta de *smockings* e fatos de flanela. Prega no deserto a triste lavadeira, de cada vez que vem cobrar o importe da ultima barreira. . . Por fim, quando todos elles cançam e desistem de voltar e resolvem lançar á conta do perdido o fornecimento dos pães, dos fatos de flanela e a lavagem da roupa — é que o lisboeta regressa, para mudar de padeiro, de alfaiate e de lavadeira.

Sente-se a gente bem, entre gente d'esta, a despeito do azedume de Camillo, que á não poupou a flagrantes injustiças. É preciso cá vir, aqui estar e de cá sair, para lhe ficar querendo bem: gente vigorosa e sã, leal e ativa, desassombrada e franca; gente que nos fala uma linguagem tão expressiva, tão aberta, tão sonora e tão clara, que até se fica em duvida se não será bem o portuguez de lei este em que a lingua troca, com tanta graça, os *bb* pelos *vv*. . .

JOÃO PRUDENCIO.

## MANOEL PINHEIRO CHAGAS

O SEU MONUMENTO

Li num delicioso artigo de Manuel d'Arriaga, como tudo que sae da sua penna ou da sua palavar, o seguinte trecho, contando como conheceu, no Bussaco, Pinheiro Chagas:

«Pinheiro Chagas escrevia ainda com muita difficuldade, ou, por outra, fazia esforços extraordinarios, por meio de repetidas emendas, para attingir á forma-suprema da arte, que afinal conseguia.

«As tiras de papel escriptas, d'onde sabiam os seus esplendorosos folhetins, davam-nos idea d'um campo de batalha onde se empenhava uma lucta renhida, taes eram as linhas, e contra linhas, emendas, e contra emendas que se crusavam em todos os sentidos!

«Uma tarde em que elle nos lia, com emphase, um dos seus mais bellos trabalhos litterarios, escriptos no Bussaco, viu a sua obra entusiasticamente applaudida por todos nós.

«Sua esposa, que era d'uma formosura pouco vulgar, cheia de frescura e mocidade, astuciosamente protestou contra os nossos applausos, allegando que a obra que nós admiravamos lhe tinha custado duas velas de stearina!

«Este protesto ainda exaltou mais a nossa admiração, o nosso entusiasmo, pelo inspirado e indefeso batalhador da ideia e da palavra.

«Nos olhos o no rosto da dedicada companheira de Pinheiro Chagas, lia mos nós todos o encanto intimo, o enlevo com que ella viu repellido o seu astucioso protesto.»

Ainda hoje me lembro bem da extraordinaria impressão que ha quarenta e tantos annos me produziu a leitura d'esses folhetins, tanto elles se destacavam pela sua forma litteraria, por aquella suprema arte que todos reconheciam, e que eram como relampagos que vinham iluminar a decadencia das letras, que já principiava a manifestar-se pela falta dos seus mais brilhantes cultores, pouco a pouco a desaparecerem no tumulo.

Pinheiro Chagas revelava-se com a grande luz do seu espirito, o escritor que vinha preencher tantas lacunas com a enciclopedia do seu talento.

Eu que conheci os seus escriptos antes de conhecer o autor, viu o pela primeira vez na redacção do *Archivo Pittoresco* e fiquei surpreso!

Imaginando que quem escrevia com tanta erudição e com tanta arte, seria um homem já amadurecido no estudo e martelado no officio, sahia-me um rapaz imberbe, de faces rosadas, alegre, cheio de mocidade, de farta cabeleira penteada para traz, deixando livre a ampla testa da sua grande cabeça sonhadora, falando com tanta verbosidade e elegancia como escrevia, e só denunciando, pelo uso das lunetas, vista, acaso, gasta em muitas horas de leituras, se isso não lhes fosse imposto pela sua grande miopia.

Era assim o autor do *Poema da mocidade*, o novel escritor que principiava a espalhar os frutos do seu talento pelo grande banquete da imprensa, onde todos vem procurar as eguarias de que mais gostam, os amadores da historia, os admiradores da poesia, os entusiastas do romance, os que preferem a leveza e graça do folhetim, a todos elle satisfazia com a fecundidade prodigiosa do seu talento assimilando todos os assuntos com rara facilidade.

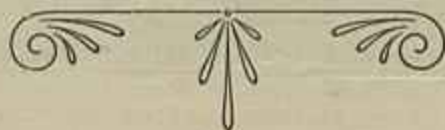
E, o mais raro ainda, nos tempos que vamos passando, é, sem ser um classico, o ter conservado, no meio do afan de tão diversas manifestações litterarias, a pureza da lingua patria, conhecendo-lhe todos os recursos, todo o vigor, graça e elegancia, não precisando de pedir a estranhos o que de casa lhe sobrava.

Elle assimilou todos os generos litterarios, dissemos, e para todos serem até o teatro, onde tantos talentos tem naufragado.

Pois ahi elle triumphou também, e a sua primeira obra teatral foi a sagração do dramaturgo e ainda hoje admiramos a *Morgadinha de Val-flor* e quantas mais se lhe seguiram como a *Magdalena*, *O Drama do Povo*, *A Judia e Helena*, sem falarmos das delicadas comedias.

E se assim foi no teatro o que diríamos do romance, se fôrmos a innumerar esse grande trabalho de sua pena privilegiada, desde as *Tristezas á beira mar*, com successivas edições, até *A joia do Vice-rei*, uma serie de doze romances em que se contam alguns historicos.

A *Historia de Portugal*, segundo o plano de



Ferdinand Denis, a que succede a sua *Historia Alegre de Portugal*, com que popularisou a historia patria, e: *Portuguezes Illustres, Brasileiros Illustres, Os Descobrimentos portuguezes e os de Colombo*, publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc.

Estas obras todas originaes, que traduções são innumeras as que fez, num trabalhar incessante, colaborando nas revistas literarias, em que o seu nome apparecia por toda a parte, firmando artigos sobre os mais variados assuntos, e no jornalismo politico com o vigor da sua pena ora humoristica, ora grave e austera na polemica, relampejando como o aço rijo, no *Correio da Manhã*, que elle fundou, rodeando-se duma pleiade de novos que alli apresentaram as primicias do seu talento: Guilherme de Azevedo, Gervasio Lobato, Jayme Victor, e outros que não me occorrem no momento.

A politica! Oh! a politica deveu-lhe muito e ia-o matando. Tinha coração de mais, para ser correspondido por essa matrona ambiciosa e falsa, que primeiro corrompe as consciencias para melhor a poderem amar.

Elle sahio com a sua ileso da cilada, não sem quasi lhe ir custando a vida, quando a mão dum sicario se levantou para elle e o derrubou á sahida do parlamento deixando-o por morto.

Foi tudo quanto lucrou da politica, não obstante os beneficios que fez ás colonias quando geriu a pasta da marinha.

Elle bem o presentia quando disse a Gervasio Lobato, que era seu intimo amigo, e este lhe dava os parabens:

— Não me dê parabens. Olhe, até aqui todos perguntavam: porque não é o Pinheiro Chagas ministro?! Amanhan talvez digam: para que foi o Chagas ministro?!

E comtudo ninguem mais direito tinha a sel-o. Na imprensa e no parlamento, ninguem melhor do que elle terçava as armas pela causa publica se fóra ella que interessasse a politica dos nossos tempos.

Elle tinha o culto da patria, mas a politica tem o culto dos amigos numa reciprocidade de interesses egoistas, por isso elle não poude ser tão grande na politica, como nas letras não atingio toda a grandeza para que lhe sobejava talento.

Deu-se em Pinheiro Chagas o raro condão de ser um escritor e um orador. Elle teve essa dua-



MANUEL PINHEIRO CHAGAS

lidade, e difficil será avaliar em qual foi maior.

Se o escritor era brilhante, enciclopedico, o orador era facundo e eloquente; de voz bem timbrada que encantava todas as assembleias em que se fazia ouvir, por que em toda a parte ella se levantava,— e eu estou escrevendo para muitos que o ouviram,— no parlamento, em sessões solemnes, em festas, em banquetes, pois era o orador querido, indicado, requestado, para todos os actos em que fosse preciso discursar.

Era-o no seu país, era-o no estrangeiro, onde tivesse de ir um portuguez representar Portugal, numa solemnidade, num congresso, numa festa.

E soube honralo condignamente. Em Madrid discursou em castelhano e seria um emolo de Castellar. Em Paris discursou em francês, e quando, num banquete de jornalistas, um qualquer literato parisiense discursou sobre Portugal amesquinhan-

do o pela sua *pequenês*, Pinheiro Chagas sahio pronto a campo em sua defeza e na lingua de Voltaire castigou a petulancia: *Portugal, ce petit pays ou de là des Pyrenées, qui a fait cadeau de deux mondes au commerce de l'Europe, etonné de ses audacieuses decouvertes.*

E' deste portuguez que hoje se ergue o seu busto em bronze sobre modesto pedestal, entre as flôres de um canteiro na Avenida da Liberdade.

E' de um nosso contemporaneo a quem não foi preciso o volver dos seculos para lhe ser feita justiça; fez-lha um grupo de amigos á frente do qual se poz José de Mello director proprietario da *Malla da Europa*, e á iniciativa de quem se deve aquelle simples monumento que, se não se impõe pela grandesa de sua fabrica ou opulencias decorativas, engrandece o a ideia que o inspirou, e o seu proprio valor pelo muito que elle significa.

A iniciativa do sr. José de Mello encontrou, principalmente, nos portuguezes residentes no Brasil, o maior auxilio, muito concorrendo para o resultado da subscrição aberta no Rio de Janeiro o sr. Arthur Guimarães, agente da *Malla da Europa*.

Com a subscrição realisada de pouco mais de 4:000\$000 réis se fez o monumento, confiado ao talentoso escultor Costa Motta, que bem se pôde dizer concorreu com uma boa quota da sua parte, pois a quantia mal chegou para o material e mão de obra.

Entretanto isso não impediu que o monumento se erigisse, simples mas bello, como é sempre a simplicidade, e que junto ao heroe que elle perpetua no bronze, nós vejamos a decorar-lhe o pedestal essa figura galante, irrequieta, caprichosa da *Morgadinha de Val-Flôr*, delicada criação do poeta, tipo ro-



JOSÉ DE MELLO

DIRETOR PROPRIETARIO DA «MALLA DA EUROPA»  
PROMOTOR DO MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS



COSTA MOTTA

AUTOR DO MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS



NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO A PINHEIRO CHAGAS

GRUPO DA FAMÍLIA DE PINHEIRO CHAGAS, COM O SR. CONDE DE FIGUEIRÓ, REPRESENTANTE DE SUAS MAGESTADES, SR. JOSÉ DE MELLO E REDATORES DA «MALA DA EUROPA»

# Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto



EL-REI D. MANUEL ACLAMADO À SAHIDA DA ESTAÇÃO DE CAMPANHAN



PASSAGEM DO CORTEJO REAL NA RUA FERREIRA BORGES — OS CAVALEIROS DA LEGIÃO AZUL



NA EGREJA DA LAPA, DURANTE O «TE-DEUM» — EL-REI D. MANUEL RECEBIDO À ENTRADA DO PALÁCIO DA BOLSA PELA DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

mantico da fidalguia portuguesa que passou, a um tempo tão verdadeiro e realista, que mais parece ter sido modelado do natural. Se o poeta e romancista bem o imaginou, a actriz Emilia Adelaide melhor o realçou, como o proprio autor o disse, e assim aquella figura ali junta dá ao monumento a dupla significação de glorificar o grande homem de letras, e um dos heroes das suas creações que mais o popularizou.

Foi no dia 13 do corrente, com o sol por entre nuvens e gotejando ainda do orvalho da manhã as arvores quasi despidas de folhas, que sob ellas se reuniram alguns amigos e admiradores do grande escritor, com os representantes de quasi todos os jornaes da capital, artistas dramaticos, e juntos aos filhos e netos de Pinheiro Chagas, se celebrou a cerimonia da inauguração.

Para esse fim o sr. José de Mello entregou ao sr. conde de Figueiró, representante de Suas Magestades naquelle acto, os cordões da bandeira que velava o busto, e este titular muito fidalga e delicadamente convidou a sr.<sup>a</sup> D. Valentina Pinheiro Chagas, filha do eminente homem de letras, a descerrar o monumento, a que acedeu comovida, ao mesmo tempo que dentre a assistencia rompia uma salva de palmas.

Leu então o sr. José de Mello um discurso apropriado ao acto, a que se seguiram o sr. visconde de S. Boaventura, redator effetivo da *Malla da Europa*, o actor sr. Antonio Pinheiro, por parte da Associação dos Artistas Dramaticos Portuguezes, e por fim o sr. Claro da Rica, pela Camara Municipal de Lisboa.

Foi uma festa quasi intima que mais comoveu o coração do que se exteriorizou por manifestações espectaculosas.

A' noite é que em D. Maria se prestou homenagem mais festiva á memoria do grande dramaturgo, com a colocação de uma lapide no atrio do teatro, e o erudito professor do Curso Superior de Letras sr. Consiglieri Pedroso fez o elogio de Pinheiro Chagas, seguindo-se depois a recitação de varias poesias e terminando pela representação dos tres primeiros actos da *Morgadinha de Val-Fló*.

Se no teatro foi o campo das suas maiores glorias, ali teve Pinheiro Chagas, tambem a sua maior consagração.

CAETANO ALBERTO.

## Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

Conforme dissémos em o numero anterior, realçou-se no Porto com o entusiasmo previsto, a recepção a Sua Magestade El-Rei D. Manuel, que não podia ser mais calorosa nem mais expansiva, constituindo uma verdadeira entrada triunfal na primeira cidade do norte, tão gloriosa por sua historia, a que junta agora mais um fasto que a engrandece.

Já a viagem do joven monarca fóra entrecortada de enthusiasticas aclamações, nas terras onde o comboio teve curtissimas paragens, como em Santarem, Entroncamento, Coimbra, Aveiro e Ovar, mas por maiores que fossem, não tiveram a imponencia das que aguardavam El-Rei, em Campanhan, e para isso bastava a gente da populosa cidade que se despovoou para o vir receber e aclamar num fremente entusiasmo de simpatia e carinho.

A chuva cahindo, se tirou parte do brilho das decorações festivas que engalanavam as praças e ruas por onde seguiu o cortejo real, não empanou a alegria, nem esmoreceu o entusiasmo com que o povo acompanhou o rei e seu luzido sequito em todo o percurso da estação de Campanhan até ao paço real.

Se fóramos a descrever todas as manifestações do mais bizarro e carinhoso acolhimento que os portuenses tem feito ao joven rei, teriamos de encher paginas e paginas desta revista, quando afinal a imprensa diaria tem publicado minuciosas informações do que se tem passado no Porto.

Assim, resumindo, diremos que a cidade apresentava o aspéto de verdadeira gala, completando as decorações das ruas e praças, ricas colchas de damascos e de seda da India bordadas, que pendiam dos peitoris de quasi todas as janellas, as quaes sempre se enchiam de senhoras, quando El-Rei passava, e lhe lançavam flôres, aclamando-o e dando-lhe palmas.

No dia seguinte ao da chegada do Senhor D. Manuel, realçou-se o *Té-Deum* na igreja da Lapa, celebrado pelo Bispo D. Antonio Barroso.

Este acto teve a maior imponencia não só pelo seu caracter religioso, mas ainda porque a elle concorreu tudo que de mais distinto ha na capital do norte, bem como todo o elemento official.

A esta solemnidade seguiu-se a recepção de El Rei na Camara Municipal, que não foi menos solemne, lendo o presidente, sr. dr. Candido de Pinho, uma allocução tão elevada quanto firme e serena, pugnando pelos direitos e regalias municipaes, que o Porto conquistou palmo a palmo com o esforço nunca excedido e raro egualado de seus filhos.

A esta allocução, que foi muito aplaudida pelo numeroso auditorio, respondeu El-Rei, lendo um discurso de agradecimento e saudação á invicta cidade, reconhecendo a sua lealdade e dedicação á monarchia e o quanto esta lhe tem tambem sido dedicada, terminando com o seguinte periodo:

«Portuenses e amigos, na vossa casa e perante vós, eu, Rei de Portugal, juro manter a monarchia constitucional; juro concorrer quanto em mim caiba para o desenvolvimento harmonico das liberdades civis e politicas, que sirvam ao levantamento moral e material da nossa querida patria; juro manter a amizade e confiança que os nossos maiores sempre mostraram e mantiveram por esta sempre leal cidade.»

«Viva a cidade do Porto!»

O discurso de El-Rei, cortado por vezes por insofridos aplausos, foi, no final, coroado de calorosas aclamações.

Em todos os dias que El-Rei tem estado no Porto tem assistido a festas em sua honra e visitado estabelecimentos publicos e particulares, onde tem sido recebido com alvoroço e reconhecimento.

Assim, visitou o Colegio dos Orfãos, onde foi recebido pelo presidente da Camara, reitor reverendo Antonio Patricio, o notavel prégador, toda a direcção e mais pessoal do estabelecimento. El-Rei fez a distribuição de premios aos alumnos mais distintos, alguns dos quaes recitaram poesias, etc., terminando por vér todas as aulas e dormitorios, sendo sempre aclamado durante toda a visita.

El-Rei foi depois a assistir ao exercicio dos bombeiros, no seu quartel, onde deitou ao pescoço do seu valente chefe, o sr. Joaquim Carvalho da Costa, o collar da Torre-Espada.

A visita de El-Rei á Associação Commercial foi brilhante a recepção no meio de numeroso concurso do corpo commercial e de distintas damas que deram maior relevo á festa. O presidente sr. dr. Julio de Araujo pronunciou um discurso apropriado, a que El-Rei respondeu em breves palavras, revelando a intenção que tinha de visitar todo o país para de *visu* conhecer as necessidades da vida nacional, renovando os protestos de sua aliança com o povo, com o qual contava para o engrandecimento da patria.

Foi ainda na Associação Commercial que, na noite de 14, houve o banquete oferecido por esta corporação a El-Rei. O brilho e riqueza que esse banquete revestiu, não se descreve nas poucas linhas de que dispomos ainda que fosse possível dar a sua impressão. A' sumptuosidade das salas juntou-se a opulencia das decorações e o deslumbramento da luz eléctrica que as iluminava, fazendo realçar a riqueza e a arte das baixelas e dos cristaes; a profusão de flôres que se entremeciam com elegantes palmeiras, tanto enebriavam com seu aroma como encantavam com a viveza de suas côres.

O banquete foi de 534 talheres, dispostos em nove mesas. A assistencia, selecta, contava, além do elemento official, a alta finança, commercio e industria, representada pelos seus mais distintos membros, e para maior animação da festa, 13 o senhoras occupavam as galerias, onde se podia vér a flôr das damas portuenses ostentando ricas e elegantes *toilettes* em que realçavam muitos rostos formosos. O aspéto do grande salão constituia um quadro deslumbrante impossivel de reproduzir.

Os brindes foram significativos do regosijo que dominava todos os corações e com elles explodiram as repetidas aclamações a El-Rei, á familia real e á patria; um verdadeiro delirio, em que as senhoras tomavam a melhor parte vitoriando o joven rei num frenesim de palmas e saudações.

Não se desvanecerá facilmente da memoria dos que assistiram áquella encantadora festa a impressão que lhes ficou, como El-Rei tambem a não poderá esquecer.

Muitas são ainda as visitas que o Senhor D. Manoel tem feito, contando se a Associação Industrial, as escolas Politecnica, Medica, Liceu, Instituto Commercial, estabelecimentos de caridade, Misericordia e seu hospital, fabricas e officinas

particulares, tudo querendo El-Rei vér, para avaliar o trabalho da laboriosa cidade.

No dia 18 foi Sua Magestade visitar Braga, onde a recepção não foi menos calorosa do que no Porto. A capital do Minho porfiou em receber o monarca com as maiores demonstrações de simpatia e carinho. Enfeitaram-se as ruas e praças, celebrou-se *Té-Deum* na Sé a que assistiu El-Rei; houve recepção nos paços do concelho, e almoço oferecido na grande sala do Banco do Minho. Visita aos quartéis, uma breve digressão ao Bom Jesus do Monte. Por toda a parte o Rei foi aclamado e recebido no meio de vivas saudações.

Com propriedade se pode dizer que tem sido triumphal o acolhimento que El-Rei encontrou nas cidades do norte de Portugal, não só como demonstração monarchica daqueles povos, mas ainda pela grande simpatia que o joven rei despertou.



## A VELHA LISBOA

(Memórias de um bairro)

### CAPITULO XV

(Continuado do n.º 1070)

A Imprensa Nacional tem figurado brilhantemente em diferentes exposições. E' hoje um estabelecimento modélo.

A parte o pessoal puramente administrativo e da officina tipografica, possui uma escola de composição, officinas de impressão manual, de assetinação e calandragem de papel, e officinas de fundição, de estereotipia, de litografia, de gravura, etc., etc.

Que eu tenha noticia, duas vezes personagens reaes visitaram este estabelecimento: Uma vez el-rei D. Fernando, em 28 de dezembro de 1842, acompanhado do seu ajudante conde de Saint Leger e outra vez D. Luis, em 4 de setembro de 1863. De ambas se honrou aquella casa e de ambas foram bem impressionados os dois soberanos.

El-rei D. Luis deixou no livro dos visitantes as seguintes palavras: *Folgo sempre quando posso elogiar qualquer estabelecimento do Estado. Este está nesse caso.*

El-rei D. Carlos não seguiu estes exemplos e perdeu com isso. Aparecia de mais onde o deviam vér menos e raro honrava com a sua presença os logares onde mais necessario e natural seria vê-lo.

O velho edificio vae em breve desaparecer. Em seu lugar está se construindo uma instalação que apenas lhe ganha em ser mais vasta porque o gosto é pessimo, desagradavel á vista e bordada no mais requintado estilo *obras-publicas*.

Em parte do primeiro andar, com entrada pela rua da Escola, onde habitou o conselheiro Deslandes, acha-se provisoriamente instalada a administração da Imprensa.

E' nas salas dessa repartição que se vê a coleção de retratos a oleo que, em 1801, vieram para ali da Casa Literaria do Arco do Cego onde se encontravam.

São as seguintes as pessoas retratadas: El-rei D. José (retrato muito interessante representando o soberano já avançado em annos) e o marquês de Pombal, no gabinete do administrador; Camões (que apresenta uma fisionomia muito diferente do que é praxe desenhar-se) no gabinete do contador Antonio Norberto Monteiro; João de Barros, Rafael Bluteau, Afonso de Albuquerque, Manuel Caetano de Sousa e o padre Antonio Vieira, numa sala de entrada contigua ás primeiras. No gabinete do administrador está tambem um painel grande representando Nossa Senhora da Conceição, que se supõe proceder do Colegio dos Nobres, e n'outra sala encontra-se tambem retratado a oleo, o falecido administrador José Frederico Pereira Marecos.

E' de esperar que, concluindo-se o novo edificio, aquellas télas, merecedoras de um estudo mais profundo e detalhado, sejam convenientemente colocadas e divulgadas pela fotografia, principalmente os retratos de Camões e de el-rei

D. José que, como já disse, são muitíssimo interessantes.

Por hoje, basta! Se o leitor ainda não tiver desistido de acompanhar-me neste extenso passeio, encontrar-nos-hemos no capítulo seguinte. (6)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

## NECROLOGIA

### Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos

No commercio e na agricultura o nome de Carlos Anjos era altamente considerado porque num e noutra se distinguia com justo fundamento, pela iniciativa e actividade de seu espirito e grande amor ao progresso, compreendendo bem com sua clara intelligencia a epoca em que viveu.

Com os poucos dados biographicos que podemos colher e no que de memoria nos recordamos mal se podem traçar estas breves linhas em homenagem do falecido, que foi um cidadão prestante e util ao seu país, mais talvez em proveito deste, do que de si proprio.

Nasceu Carlos Pecquet Ferreira dos Anjos em Lisboa a 9 de abril de 1841, filho de Flamiano José Lopes dos Anjos e irmão do falecido par do reino e capitalista da nossa praça, Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, sendo tio dos srs. Fernando e Henrique Anjos e por afinidade dos srs. condes de Arnoso e de S. Lourenço, e primo da sr.<sup>a</sup> condessa de Valenças e conde de Fontalva, etc.



CARLOS PECQUET FERREIRA DOS ANJOS

Dedicando-se ao commercio, como membro da casa fundada por seus maiores, inclinou-se tambem á exploração agricola, em que foi um dos maiores inovadores introduzindo lhe os progressos que esta industria mãe attingia nos paizes mais adiantados.

Mereceu lhes mais especiaes cuidados o fabrico do azeite, para o que não poupou trabalho nem dinheiro, chegando a mandar vir de Italia operarios deste fabrico, e construindo na sua quinta da Luz os maiores e mais aperfeiçoados lagares, como, talvez, não ha outros em Portugal.

Mas não ficou por aqui sua iniciativa e actividade. Organizou uma companhia de que fez parte para a construção de *chalets* no Monte Estoril, e assim deu principio áquella deliciosa estancia que é hoje o encanto de nacionaes e estrangeiros.

Os productos das suas propriedades agricolas, especialmente o azeite, obtiveram sempre os primeiros premios nas exposições a que concorreu.

ram, quer no país quer fóra, nos grandes centros industriaes.

Era socio da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa e da Sociedade de Geographia de Lisboa de que era vogal das secções de industria e de commercio.

Espirito ilustrado, tinha grande dedicação pelas artes e pelas letras, e cabe aqui dizer que foi dos primeiros nomes que subcreveram para O OCCIDENTE, quando ha 31 annos lançámos a publico os prospéctos desta revista, a qual alguns não davam tres mezes de vida, nome que ainda hoje se acha inscrito no livro de nossos assignantes.

O sr. Carlos Anjos faleceu na sua vivenda da Luz, na manhã de 14 de outubro, ultimo, vitimado por uma congestão que pela terceira vez o atacou, dando lhe comtudo, tempo para se rodear de seus filhos e recomendar-lhes as suas derradeiras disposições, entre ellas a de que seu funeral fosse o mais modesto possivel.

A seus filhos sr. Guilherme Cassar dos Anjos, sr.<sup>a</sup> D. Ernestina Vaz Anjos e toda a illustre familia aqui deixamos a expressão do nosso pesar

## O MEZ METEOROLOGICO

### Outubro 1908

**Barometro.** — Max. altura 767<sup>mm</sup>,9 em 10.  
Min. » 757<sup>mm</sup>,9 em 23.

Como no mez precedente, é tambem notoria em outubro a estabilidade da pressão, sendo o afastamento do nivel apenas de 10<sup>mm</sup>.

**Thermometro.** — Max. altura 28<sup>o</sup>,6 em 2.  
Min. » 9<sup>o</sup>,6 em 26.

Temperatura elevada em 1 e 2, e quasi constante no resto do mez, com variações diarias pouco sensiveis.

**Nebulosidade.** — Céu limpo ou pouco nublado 9 dias.

» Nublado 22 dias.

**Chuva** — 58<sup>mm</sup>,8 em 8 dias com trovoadas em 29.

**Vento dominante** — S. W.



### Memorias d'um policia amator. — A. Conan Doyle.

A acreditada Livraria Ferreira, Editora, acaba de lançar no mercado mais dois interessantes volumes d'esta notavel collecção, o primeiro dos quaes se intitula *Recordações de Sherlock-Holmes*, traduzido por Christovão Ayres (Filho), e o segundo *A Lença do Cão Phantasma*, versão de Manuel de Macedo.

Não recommendamos de novo aos leitores a aquisição de taes trabalhos deleitosos e instructivos, por havermos feito isso relativamente aos anteriores volumes publicados, pertencentes á mesma collecção.

### Annuario da Universidade de Coimbra. — (Anno lectivo de 1907-1908) — Coimbra — Imprensa da Universidade.

Com a pontual delicadeza foi-nos remettido este precioso repositório que insere a esplendida oração de Sapiencia pelo illustre lente de Medicina, Dr. Sobral Cid, o relatorio do insigne naturalista, Dr. Julio Henriques, na sua viagem á Suecia por occasião do bicentenario de Linneu, e eruditos e curiosos apontamentos e notas para a historia da Real Capella da Universidade, além de outras noticias de valor, bem como estampas e retratos elucidativos.

### Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa. por Eduardo Freire de Oliveira — Lisboa — Typographia Universal.

É este o tomo decimo quinto da monumental obra commemorativa do centenario do Marquez de Pombal, tão sensatamente confiada ao infatigavel pesquisador e investigador funcionario, Freire de Oliveira que se tem desempenhado do espinhoso encargo por fórma a honrar não só a capital e a si, mas tambem a patria que o conta entre os seus filhos verdadeiramente apreciaveis.

A obra alcança já a epoca do immortal ministro de D. José I.

### Atheneu Commercial de Lisboa. — (Relatorio e Contas da Direcção — Parecer do Conselho Fiscal — Gerencia de 1907-1908) — Typographia Campião.

Recebemos o folheto que contem os documentos alludidos, os quaes demonstram ser deveras agradável a situação economica do Atheneu, que distinctamente collabóra para a instrucção educativa e, portanto, para a causa do progresso e da civilisação.

As suas contas acham-se fechadas com saldo importante e oxalá de cada vez mais se accentuem tão felizes resultados.

### Os Lusíadas. — (Para as escolas e para o povo) — Obra prefaciada, parafraseada e annotada, e com um vocabulario por José Agostinho — Livraria Figueirinhas — Porto — 1907.

Temos presente o primeiro tomo d'esta obra que apenas insere o canto 1.<sup>o</sup> do epico Luiz de Camões, cujo retrato estampa logo após o frontispicio.

Tem merito real o trabalho em questão, onde José Agostinho, com pleno conhecimento erudito, revela o immortal filho de Simão Vaz de Camões n'um quadro muito perfeito.

## A «BRASILEIRA»

Desde 1906 que, no largo das Duas Igrejas, ainda o coração desta Lisboa que em cada dia vae alargando a sua area, os srs. A. Telles & C.<sup>a</sup> abriram ao publico um elegante estabelecimento que denominaram *A Brasileira*, para a venda de varios productos do Brasil, em que avulta o café, e que pela fórma da sua instalação e especialidade constituiu para esta capital uma verdadeira novidade.

De facto, essa novidade era principalmente, a de se encontrar ali o verdadeiro café puro do Rio, coisa enfim que o nosso publico raro podia apreciar no meio das adulterações a que o commercio de retalho, em geral, sujeita este genero, de modo que, o mesmo publico, tudo beberá por café, mas menos café.

E' que a firma A. Telles & C.<sup>a</sup> não tinha só em mira fazer um commercio vulgar com aquelle genero, mas empreender uma verdadeira campanha em defeza do café do Brasil, para que o publico podesse conhecer e apreciar as superiores qualidades do genuino café brasileiro.

Essa campanha, tem, felizmente, sido coroada do melhor resultado e, animando os seus promotores a alargar a sua esfera de acção, desenvolveram agora mais o estabelecimento *A Brasileira*, ampliando-o num vasto salão, artisticamente decorado, o qual inauguraram no dia 15 do corrente, 19.<sup>o</sup> anniversario da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

O novo salão d'*A Brasileira* é luxuoso, rico e artisticamente decorado, com mobiliario de carvalho em estilo Renascença e talha levemente avivada de leves toques dourados. As paredes tem lambrís de carvalho da altura de 1<sup>m</sup>,40 e sobre estes assentam 8 grandes espelhos que se alternam com outros tantos quadros em pintura, por banda, representando varias vistas do Brasil e de Portugal, numa amoravel aliança fraterna dos dois paes.

Naquelle dia o salão apresentava um lindo aspecto, com grande profusão de flores que enfeitavam a estensa mesa, onde brilhavam os cristaes á luz eléctrica e em que foi servido um delicado *lunch* ás pessoas convidadas a assistir á inauguração, estando presentes muitos representantes da imprensa de Lisboa.

Ao fundo do salão ha uma galeria, sobre a balastrada da qual se viam formando trofeu as bandeiras do Brasil e de Portugal, fazendo fundo aos retratos dos chefes destes dois estados, ali unidos em figura como em espirito se unem os dois paes irmãos.

A estes brindou o sr. dr. Zeferino Candido num feliz improviso, bem como aos srs. A. Telles & C.<sup>a</sup>, enaltecendo os serviços que tem prestado ao Brasil com a sua arrojada propagando do café, que em cada dia vae alcançando novos triunfos.

O sr. dr. Ferrer brindou tambem no mesmo sentido, e quando o sexteto Cardona tocou os himnos brasileiro e portuguez, rompeu uma salva de palmas e felicitações ao Brasil, a Portugal e aos srs. Telles pela sua corajosa e util iniciativa, que tanto pôde concorrer para o estreitamento mais e mais do commercio das duas nações.

(1) Para a factura deste capítulo servi-me, além dos documentos já mencionados, das seguintes obras: 1.<sup>o</sup> *Documentos para a Historia da Tipografia em Portugal* por Venancio Destlandes — 1012-21 da B. Nacional; 2.<sup>o</sup> *Impressões Deslandeanas* por Xavier da Cunha; 3.<sup>o</sup> *Historia dos Estabelecimentos literarios, Scientificos e Artísticos* por José Silvestre Ribeiro, volumes 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup>, 7.<sup>o</sup> e 13.<sup>o</sup>; 4.<sup>o</sup> *Mapa para erecção de uma officina Tipografica, no Real Collegio dos Nobres* — mas. em poder do autor, feito por Nicolau Pagliarini, em 1766.



A BRAZILEIRA — O NOVO SALÃO INAUGURADO EM 15 DO CORRENTE  
(Fotografia do sr. Magalhães)

## COUTO & VIANNA — ALFAYATES

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 111 1.º (à P. Luiz de Camões) — Lisboa

### Marcenaria 1.º de Dezembro

### REIS COLLARES & C.ª

168, Rua da Rosa, 168 — Lisboa  
Telephone n.º 833

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

### BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

**Kilo 1:500 réis**

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



### CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia.

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Casa Santos Camiseiro ≡ E. Santos & Freire

21, 25, Praça de D. Pedro (Rocio, lado occidental), 21, 25 = 20, 22, Rua do Principe, 20, 22  
LISBOA

### SECÇÃO DE CAMISARIA

- Camisaria** — Variado sortimento de camisas, camisolas, punhos, collares de todas as qualidades e feitios.  
**Gravataria** — Ultimas novidades em gravatas, mantas, cache-nez, cache-col e lenços de seda.  
**Luvania** — Luvas de fabrico nacional e inglezas para senhoras, homens e creanças.  
**Perfumaria** — Tudo o que ha de mais fino em extractos, essencias, sobonetes, etc.

Além d'estes artigos que constituem a especialidade d'esta casa encontra-se sempre o mais completo sortimento roupas brancas para homens e senhoras, para cama e mesa: meias, lenços, edredons, bengalas e chapéus de chuva, etc.

EXECUTAM-SE ENXOVAES

DEPOSITO DAS AFAMADAS RENDAS DE PENICHE

Secção especial de Comissões, Consignações, Representação e commercio de Conta Propria de Vinhos, Azeites, Conservas e mais generos similares

Todos os artigos são escolhidos dos de melhor fabricação e fornecidos pelos preços do custo accrescidos somente d'uma pequena commissão

Encarregam-se da collocação de fundos, recebimento de juros e dividendos e liquidação de quaesquer negocios commerciaes mediante modica commissão

VINHOS DE MESA: TINTO E BRANCO — PORTO, MADEIRA, COLLARES E AZEITES

DE PUREZA GARANTIDA E MARCAS ESPECIAES DA CASA

Esta secção está a cargo do socio Fernando Freire bastante conhecido no Rio de Janeiro onde esteve muitos annos